

Comunicação e saúde pública

em processos de desenvolvimento sustentável

Jose Marques de Melo e Arquimedes Personi

Sumário

Desde 1996, a Universidade Metodista de São Paulo desenvolve programa de estudos sobre as interfaces Saúde e Comunicação nos processos de desenvolvimento sustentável. Trata-se de iniciativa da Cátedra UNESCO do Brasil que vem conquistando visibilidade acadêmica, principalmente através do fórum de debates conhecido pela sigla COMSÁUDE, cuja décima primeira edição acaba de ser realizada. Os autores resenham, neste artigo, o itinerário desse projeto e suas principais conquistas.

Palavras-chave: Ciências da comunicação. Saúde Pública. Brasil. UNESCO. UMESP

Resumen

Comunicación y salud pública en procesos de desarrollo sustentable

Desde 1996, la Universidad Metodista de São Paulo cuenta con un programa de estudios sobre las relaciones entre Salud y Comunicación en los procesos de desarrollo sustentable. Se trata de La iniciativa de la Cátedra UNESCO de Brasil que ha ido adquiriendo visibilidad académica, a través del foro de debates conocido bajo la sigla COMSÁUDE principalmente, cuya décima primera edición acaba de realizarse. Los autores recuperan, en este artículo, el itinerario del proyecto y sus principales logros.

Palabras clave: Ciencias de la Comunicación. Salud Pública. Brasil. UNESCO. UMESP.

Abstract

Communication and Public Health in Sustainable Development Processes

Since 1996, the Methodist University of São Paulo has had a program of studies on the relationship between health and communication in sustainable development processes. This initiative of the UNESCO Chair in Brazil has gained academic visibility through the discussion forum known under the acronym Comsalud, whose eleventh edition was just concluded. In this article the authors review the project agenda and its main achievements

Key words: Communication Sciences. Public Health. Brazil. UNESCO. UMESP.

Jose Marques de Melo. Brasileiro. Doutor em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (Brasil), desenvolveu pós-doutorado na Universidade de Wisconsin (EUA) e foi premiado com o Prêmio Wayne Danielson, concedido pela Universidade do Texas (EUA). Agora, coordena a Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Áreas de interesse: História do Pensamento Comunicacional Gênero e mídia; marquesmelo@uol.com.br

Arquimedes Pessoni. Brasileiro. Mestre e Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Jornalista especializado em saúde e professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), Faculdade de Medicina do ABC (FMABC) e de pós-graduação das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Áreas de interesse: Comunicação e Saúde; arquimedes.pessoni@gmail.com

Fórum brasileiro

O processo constitutivo da *Cátedra de Comunicação* mantida pela UMESP¹ teve como referente emblemático o Seminário Internacional “Identidades Culturais Latino-Americanas em Tempo de Globalização”,² realizado na cidade de São Paulo, no período de 12-14 de junho de 1995.

1. Desde que iniciou sua trajetória evangélica no Brasil, a Igreja Metodista vem atribuindo papel hegemônico à educação. Dentre as múltiplas instituições brasileiras por ela mantidas destaca-se o complexo acadêmico edificado na comunidade de São Bernardo do Campo, onde tem sede a Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, abrigando hoje mais de 20 mil estudantes em todas as áreas do conhecimento. O perfil contemporâneo da instituição que abriga a Cátedra UNESCO de Comunicação do Brasil está bem delineado no site: www.metodista.br

2. Compareceram ao evento e atuaram como interlocutores da UNESCO as seguintes personalidades: Marco Antonio Rodrigues Dias (Diretor da Divisão de Educação Superior, Paris), Thérèse Paquet Sevigny (Secretária-Executiva da Rede Mundial de Cátedras UNESCO de Comunicação, Montreal) e Alejandro Alfonso (Conselheiro Regional de Comunicação para a América Latina, Quito).

Ficou ali evidenciado o principal desafio da América Latina nesta conjuntura histórica: “a desagregação cultural provocada pelo impacto das comunicações globais”. E também o contexto em que se configura tal fenômeno: “as novas tecnologias da informação destroçam as fronteiras físicas entre as nações, expondo os indivíduos a uma cultura mundializada que pode minar pela base as identidades nacionais ou regionais”. (Marques de Melo, 1996: 15)

As questões priorizadas –Como lidar com esse processo? Quais as chances de sobrevivência das identidades regionais– se ancoravam em marcos inerentes aos paradigmas comunicacionais latino-americanos: pluralismo civilizatório, mestiçagem cultural e mega-regionalismo. (Marques de Melo, 1998).

Instalada em São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, no dia 21 de maio de 1996, a nova Cátedra UNESCO de Comunicação, contemplou dois eixos convergentes: a produção e a difusão de conhecimento em seu plano de ação (Marques de Melo, 1997 e Zomignan, 1997).

A produção de conhecimento foi engendrada através de um programa de pesquisas destinado a iluminar o conceito de “comunicação para o desenvolvimento regional” (Marques de Melo, 1991).

Por sua vez, a difusão do saber estocado, com a intenção de aglutinar agentes comunicacionais conscientes da preservação das “identidades culturais” latino-americanas, ambicionou projeção no mosaico policultral ensejado pela “aldeia global”.

Um desses instrumentos foi a COMSAÚDE –Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde– que promoveu 10 edições, a seguir descritas.

I COMSAÚDE

A primeira edição da Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde aconteceu no *campus* da própria Universidade Metodista de São Paulo, de 21 a 23 de outubro de 1998, tendo como tema principal “Mídia e Saúde Pública”. O evento contou com painéis que abordaram os temas “Projeto Comsalud”, “A saúde e a mídia”, “A importância da comunicação em projetos de saúde”, “Projetos Latino-americanos de saúde e comunicação”, *workshops* “Jornadas universitárias em saúde reprodutiva”, “Propostas de currículo acadêmico de comunicação para a promoção da saúde” e a mesa-redonda “O papel da comunicação na promoção da saúde”. Mesmo com

um grupo reduzido de trabalhos (9), essa primeira edição envolveu diversas instituições, inclusive estrangeiras: Folha de S.Paulo (SP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP-SP), Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI-SP), Programa de Puericultura de São Bernardo do campo (SP), Universidad Diego Portales, Santiago (Chile), Universidad para la Paz de las Naciones Unidas (Costa Rica) e Universidad de Azuay, Cuenca (Equador).

II COMSAÚDE

A segunda edição aconteceu de 10 a 12 de novembro de 1999 nas Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), em Adamantina (SP), tendo como tema “Comunicação e saúde comunitária”. A coordenação regional do evento, sob a responsabilidade do Prof. Ms. Sérgio Barbosa, teve três painéis e duas mesas-redondas durante os dois dias de debate. Foram os seguintes os temas dos painéis: “A importância da comunicação na promoção da saúde”, “Comunicação e saúde pública” e “Saúde na mídia”. As mesas-redondas debateram assuntos como: “Políticas públicas: comunicação e saúde” e “Assessoria de imprensa em instituições científicas”. Em relação à primeira edição, a II COMSAÚDE registrou crescimento de mais de 122% na quantidade de trabalhos inscritos, subindo de 9 (em 1998) para 20 (1999).

III COMSAÚDE

A terceira edição teve novamente a FAI de Adamantina como palco, em 2000, de 6 a 8 de novembro. Na oportunidade, “Comunicação e promoção da saúde” foi o tema escolhido e o evento adquiriu densidade com a presença de um convidado que construiu a história da pesquisa na temática Comunicação para a Saúde na América Latina: o Prof. Dr. Luis Ramiro Beltrán, da Universidad Johns Hopkins, Bolívia. O primeiro painel do encontro, com o próprio Beltrán, abordou “A importância da comunicação na promoção da saúde”. Os outros dois painéis discutiram os temas “Comunicação e saúde pública” e “Saúde na mídia”. Outra novidade da III COMSAÚDE foi a redação da *Declaração de Adamantina* ao final do encontro, uma moção aprovada pela XI Conferência Nacional de Saúde, realizada em Brasília, de 16 a 19 de dezembro de 2000.

A edição 2000 contou com quatro grupos de trabalho, divididos em subtemas, com as seguintes discussões: GRUPO I: a) Comunicação interpessoal (face a face) na saúde; b) A ética na comunicação da saúde. GRUPO II: a) O papel da comunicação nos pontos de excelência 1; b) O papel da

comunicação nos pontos de excelência 2. GRUPO III: a) Comunicação e saúde pública: a cultura da saúde; b) Comunicação e saúde pública: sistemas de informação em saúde e c) Assessoria de imprensa em instituições científicas. GRUPO IV: a) Saúde e mídia: saúde na imprensa 1; b) Saúde e mídia: saúde na imprensa 2; c) Saúde e mídia: saúde no rádio e TV. Com mais de mil inscritos, o encontro reuniu 30 artigos científicos, superando em 50% o número de trabalhos inscritos na edição anterior.

IV COMSAÚDE

Em 2001, na quarta edição, a COMSAÚDE pela primeira vez saiu do Estado de São Paulo, tendo como palco as Faculdades Integradas de São Pedro –FAESA– em Vitória, Espírito Santo. De 18 a 20 de outubro, os participantes puderam discutir o tema central do encontro: “Comunicação para a saúde da família”. A realização do evento foi algo bastante trabalhoso e proveitoso para a instituição local, conforme avalia a coordenadora regional daquele encontro, Profa. Dra. Iluska Coutinho.

No início de 2001 falamos sobre a possibilidade de realizar a COMSAÚDE... Na verdade, o interesse já havia sido demonstrado em Adiantina, que foi o encontro anterior... e reforçamos esse contato em março de 2001, quando o Prof. Marques de Melo esteve no Espírito Santo. Na oportunidade, reunimos o Prof. Marques – como diretor da Cátedra Unesco– o Prof. Alexandre Teodoro, diretor da FAESA e o Prof. Edgard Rebouças e eu, ambos alunos da Metodista, para falar dessa intenção... Foram muitos os ganhos institucionais: promoveu a marca FAESA como realizadora de eventos; mobilizou alunos e professores, a comunidade local e ainda estreitou laços com as secretarias. Acredito que beneficiou ainda mais a Faculdade de Saúde que conseguiu gerar muitos projetos e parcerias a partir do encontro.

As palestras de abertura do evento tiveram como temas “Estratégia de saúde da família: o papel da comunicação” e “Mídia, família e saúde”. Os painéis abordaram “Comunicação educativa para a saúde da família”; “O papel da mídia massiva na orientação dos agentes de saúde”; “Saúde na família: a comunicação entre profissionais do setor e usuários” e “Cobertura da saúde na mídia: o jornal, revista, rádio e TV”. Na oportunidade foi distribuído o livro *Mídia e Saúde*, organizado por Isaac Epstein, José Marques de Melo, Conceição Sanches e Sérgio Barbosa, que reunia os trabalhos apresentados nas três primeiras edições da COMSAÚDE.

Dada a grande participação dos alunos da FAESA e do número representativo de trabalhos inscritos, os grupos temáticos foram assim divididos: GT I: a) Comunicação interpessoal da saúde: sistema tradicional e produção social da saúde; b) A comunicação no cotidiano da saúde; c) Projetos em comunicação da saúde; d) Jornalismo científico e prevenção na saúde familiar. GT II: a) Saúde na mídia impressa; b) Saúde na mídia eletrônica; c) Saúde na internet e novas tecnologias. O encontro de Vitória reuniu 24 trabalhos.

V COMSAÚDE

A quinta edição voltou a acontecer, na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, de 13 a 16 de agosto de 2002. O foco foi *Saúde Pública na Agenda Midiática* e teve como temas paralelos *Saúde Mental*, *Saúde alimentar*, *Infecções hospitalares* e *Comunicação e atendimento em saúde*.

Duas novidades surgiram antes do evento: uma foi a adoção do “Formulário de Revisão por Pares”, em que os revisores do Comitê Científico pontuavam os trabalhos inscritos e apontavam, caso necessário, modificações para que pudessem fazer parte dos *papers* aprovados na conferência. A medida contribuiu para que a qualidade dos artigos apresentados melhorasse e para que os trabalhos adotassem um formato mais científico, conforme lembra GOBBI (2005):

...tivemos alguns casos, inclusive alunos daqui, do próprio Programa de Pós-graduação que, quando eu submeti ao Comitê Acadêmico, eles não aceitaram o resumo porque não contemplava, não falava da metodologia... você percebia nitidamente que se tratava de um ensaio. Então qual foi nossa política? Não foi negar o “aceite” do trabalho, mesmo porque são pessoas ligadas aos programas de pós-graduação e, de qualquer forma, têm um mérito no que estão falando. Mas desenvolvemos resumos dando sugestões de melhoria desses trabalhos, servindo como um suporte e os pesquisadores refizeram esse material e enviaram novamente.

A segunda inovação do encontro foi a instituição de uma rede de pesquisadores –a Rede COMSAÚDE– que passou a elaborar periodicamente um informativo digital reunindo notícias e textos sobre a pesquisa em Comunicação para a Saúde. Os envolvidos no trabalho utilizaram o *mailing* de pesquisadores que participaram das edições anteriores da COMSAÚDE e ampliaram o número de interessados com a disponibilização do conteúdo no site da Rede Comsaúde (<http://redecomsaude.zip.net/>) com *link* na página da Cátedra Unesco/Metodista.

O expediente do primeiro jornal da Rede COMSAÚDE informava ser uma publicação destinada aos profissionais de Comunicação, Saúde, Educação e pesquisadores de áreas afins. Tinha o apoio da Cátedra UNESCO de Comunicação e Desenvolvimento Regional, em parceria com o Curso de Medicina da Faculdade de Medicina do ABC (Santo André-SP). O editor do jornal era o jornalista Arquimedes Pessoni (UniFIAMFAAM-SP) e contava com o seguinte Conselho Editorial: José Marques de Melo (Unesco/Metodista), Isaac Epstein (Unesco/Metodista), Lana Cristina do Nascimento (Universidade Metodista de São Paulo), Eliana Marcolino (Universidade Metodista de São Paulo), Hellen de Paula Pacheco (Universidade Metodista de São Paulo), Isaltina Gomes (Universidade Federal de Pernambuco), Maria Eugênia Lemos (Associação Saúde da Família) e Ana Luiza Gomes (Oboré).

A V COMSAÚDE reuniu 29 trabalhos, ampliando para 31 as instituições lá representadas, muitas delas do Rio de Janeiro, local em que estava previsto para acontecer o evento.

VI COMSAÚDE

A VI COMSAÚDE foi sediada no *campus* Planalto da Universidade Metodista de São Paulo, de 01/10/2003 a 04/10/2003. O local foi escolhido por abrigar os cursos de Ciências da Saúde da instituição, o que poderia aproximar os pesquisadores, alunos e professores desses cursos com os de Comunicação Social.

O tema sugerido pelo encontro –*Mídia, mediação e medicalização*– espelhava uma das preocupações dos parceiros do encontro, no caso a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), uma vez que as mudanças nos textos das bulas dos remédios era algo que estava em pauta naquele ano. Todo material de apoio foi produzido em modelo estilizado, lembrando o tema “medicamentos”.

A definição dos temas das COMSAÚDE sempre procurava atender às demandas das instituições-sede ou parceiras nos eventos. Pelos menos é o que justifica MARQUES DE MELO (2005), quando afirma que “A escolha [dos temas] tem sido fruto de uma negociação entre a Cátedra e as instituições anfitriãs”. Os bastidores das escolhas temáticas são revelados por GOBBI (2005):

Na verdade, a instituição que é sede levanta na sua região uma necessidade de discussão que permeia essa área da Saúde, faz algumas sugestões e, então, os professores Isaac e José Marques de Melo optam, juntamente com o coordenador local do evento, qual o tema mais adequado, mais emergente, necessário para aquele momento... Acho que é aquilo que a instituição sente necessidade naquele momento para estar discutindo naquela região do evento.

Dessa forma, os temas debatidos em três painéis foram: “O papel dos medicamentos genéricos, similares e remédios de marca”; “Pílulas de informação: a comunicação também é remédio” e “A nova regulamentação da bula: onde estamos e para onde vamos”. Os grupos de trabalho também foram temáticos, versando sobre os seguintes tópicos: “O remédio na mídia – análise do noticiário e do grau de liberdade da propaganda de medicamentos”; “O papel da bula: indicações e contra-indicações”; “Medicalização: Informação ou persuasão? Como os profissionais da saúde recebem informações sobre medicamentos e influenciam os seus pacientes”; “Farmácias, espaços folkcomunicacionais: prescrição, auto-medicação e receitas populares”.

O interesse pela temática do encontro foi comprovado pelo número crescente de inscrições de trabalhos, cerca de 40%. Enquanto na edição de 2002 foram registrados 29 artigos, a VI COMSAÚDE contou com o registro de 42 trabalhos.

VII COMSAÚDE

A sétima edição teve o Nordeste como cenário. Aconteceu de 11 a 13 de agosto na Associação de Ensino Superior de Olinda (AESO), em Pernambuco. Coordenado pela Profª. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (2005), foi a que mais artigos reuniu, em termos quantitativos –6 – numa demonstração que a região carecia de eventos locais em que pudessem ser apresentadas suas produções científicas. Para adequar a temática ao local, foi escolhido “Mídia, saúde e alimentação” como tema principal, com painéis que subdividiam a temática principal:

Painel A: Mídia, transgênicos e segurança alimentar. **Sub-temas:** Organismos transgênicos: implicações biológicas e éticas; Princípio de precaução em saúde e ambiente: a questões dos transgênicos; Transgênicos e segurança alimentar: descompassos entre os tempos requisitados para a produção do conhecimento científico, da produção jornalística e da legitimidade da decisão política; Transgênicos, jornalismo e ética.

Painel B: Mídia, saúde e alimentação: da fome à obesidade. **Sub-temas:** A dimensão política da fome; A fome e a obesidade na perspectiva da saúde; Pernambuco e pioneirismo dos estudos sobre nutrição; A alimentação na mídia brasileira.

Os sete grupos de trabalho foram denominados segundo o tema de cada COMSAÚDE, podendo, assim, abrigar trabalhos cujos objetos de estudos pudessem remeter às edições anteriores do encontro. Foram os seguintes grupos de trabalho: GT 1: Mídia e Saúde Pública; GT 2: Comunicação e Saúde Comunitária; GT 3: Comunicação e Promoção da Saúde; GT 4: Comunicação para a Saúde da Família; GT 5: Saúde Pública na Agenda Midiática; GT 6: Mídia, Medicação e Medicalização; GT 7: Mídia, Saúde e Alimentação.

VIII COMSAÚDE

A oitava edição teve como palco a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), de 5 a 7 de outubro de 2005. Tendo como parceiro o Ministério do Trabalho, o evento discutiu como tema central “Mídia, Saúde e Trabalho”, com as palestras “A Política Nacional de Saúde do Trabalhador” e “O charme especial da doença na divulgação científica”. Os painéis contemplaram os temas “Mídia e acidentes de trabalho”, “Mídia e meio ambiente de trabalho”, “Mídia e doenças de trabalho” e os 51 artigos inscritos foram apresentados em quatro grupos de trabalho: GT1: Comunicação Popular; GT2: Categorias Comunicacionais; GT3: Comunicação Massiva; e GT4: Estratégias de Comunicação.

IX COMSAÚDE

Realizada nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2006, na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo (SP) a IX Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde contou com pesquisadores do Brasil todo, reunindo mais de 30 trabalhos selecionados. O evento fez parte do Congresso Multidisciplinar de Educação para o Desenvolvimento, comemorando os 10 anos de atividades da Cátedra Unesco/Metodista e teve como tema “Informação, saúde, cibercultura: mutirão para promover hábitos saudáveis”. Na oportunidade, a nona edição da Comsaúde foi concomitante ao Eciesicom (I Colóquio Brasileiro de Comunicação Eclesial), XI Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional; X Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação; IX Conferência Brasileira de Folkcomunicação; V Conferência Brasileira de Marketing Político e I Exposição de Mídia Regional e Cultura Midiática.

X COMSAÚDE

A nona edição teve como palco novamente a Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo (SP), em 26 de novembro de 2007. O tema central escolhido foi “Envelhecimento bem-sucedido”, que foi discutido em grupos de trabalho divididos nos seguintes subtemas: O papel da comunicação interpessoal (grupos primários) na inclusão social do idoso; o papel da comunicação midiática na inclusão do idoso e políticas públicas para reabilitação e inclusão do idoso. Num formato diferenciado das edições anteriores, a IX Comsaúde foi realizada num único dia, resultando em anal do congresso com 18 trabalhos apresentados.

XI COMSAÚDE

A décima-primeira edição da Comsaúde teve como tema principal “Comunicação, Saúde e Gênero: A comunicação como instrumento de promoção, prevenção e integração social da mulher”, tendo sido realizada na FAESA, em Vitória (ES), de 21 a 23 de outubro de 2008. Na oportunidade, entre os assuntos discutidos no evento estavam “Estratégias de comunicação para promoção da saúde e prevenção das enfermidades da mulher”; “A violência contra a mulher: a comunicação como instrumento libertador da mulher vitimada pela violência”; “Gravidez e aborto na adolescência” e “A comunicação como instrumento de promoção da saúde: a mulher comunicando saúde”.

Trata-se evidentemente de um conjunto de estratégias comunicacionais que, embasadas nas utopias mestiças construídas na América Latina, só produzirão resultados duradouros a médio e longo prazos. Em se tratando de ações tipicamente acadêmicas, sua repercussão no bojo da sociedade demanda maturação intelectual. Elas dependem fundamentalmente do desempenho dos agentes midiáticos preparados pelas universidades com as quais a Cátedra UNESCO/UMESP vem realizando parcerias ou onde as nossas teses encontram terreno fértil, germinando pedagogicamente.

Assim sendo, temos contribuído para alavancar a idéia de que, sendo a globalização fenômeno historicamente irreversível, cabe-nos ocupar espaços no mosaico multicultural que propicia inequivocamente. Trata-se, ao mesmo tempo, de preservar dinamicamente as identidades regionais latino-americanas, e de projetá-las mundialmente, interagindo de forma crítica e criativa com o patrimônio cultural da humanidade. Empenhados em converter a *aldeia global* numa *ágora* vocacionada para a cooperação

econômica, a tolerância ideológica e a convivência democrática, estaremos desenvolvendo um mundo alicerçado na paz entre as sociedades, o bem-estar das comunidades e a felicidade dos cidadãos.

Gênese e antecedentes

A compreensão das idéias que motivaram o fórum brasileiro sobre Comunicação e Saúde, aqui resenhado, ganha maior significação através da entrevista proposta por Arquimedes Pessoni ao professor José Marques de Melo, no dia 28 de maio de 2005, para sua tese de doutorado, cujo texto integral pode ser lido a seguir:

Arquimedes Pessoni (AP): Se pudéssemos definir historicamente a origem da pesquisa em Comunicação para a Saúde (Health Communication), o sr. acredita que o estudo sobre sementes híbridas de Ryan & Gross (1943), que deu início ao paradigma da difusão de inovações (VALENTE & ROGERS, 1995) teria sido o big bang dessa área?

José Marques de Melo (JMM): Foi sem dúvida a pesquisa sobre difusão de inovações agrícolas (década de 40) que abriu as portas do campo comunicacional, até então circunscrito aos estudos mercadológicos da mídia massiva (Lazarsfeld, anos 20) e seus usos políticos (Lasswell, anos 20-30), para a compreensão dos processos de persuasão social (saúde e educação). Salvo melhor juízo, o deslanchar da disciplina Comunicação aplicada à saúde vai se dar somente na década de 50, a partir do clássico estudo sobre o fracasso de uma campanha de saúde pública promovida na comunidade peruana Los Molinos. Trata-se da campanha da “água fervida” que encontrou fortes resistências culturais, muito bem relatada por Rogers, Everett no livro *Diffusion of Innovations*, New York, Free Press, 1961. Essa obra foi objeto de várias edições, revistas e atualizadas, sendo recomendável a consulta à 4ª. Edição (1995).

AP: Com o surgimento da Comunicação para o Desenvolvimento houve maior interesse dos pesquisadores americanos pela área da saúde. Qual a razão disso?

JMM: A disciplina Comunicação para o Desenvolvimento foi criada no contexto da política de expansão da hegemonia norte-americana implementada no pós-guerra. Os europeus desfrutaram as benesses do Plano Marshall, traduzida por ajuda econômica e transferência de tecnologia. Aos países periféricos, especialmente os do então chamado “terceiro mundo”, restou a política de “modernização”, que objetivava principalmente criar

condições para a renovação dos processos de produção agrícola nas zonas rurais e a expansão do consumo nos setores urbanos. As estratégias da comunicação para o desenvolvimento foram esboçadas por Wilbur Schramm e seus discípulos em livro publicado pela UNESCO no início dos anos 60. A variável saúde não era então muito destacada. Educação, sim. Essa fonte está disponível no Brasil, numa edição de Bloch Editores.

AP: Os pesquisadores americanos efetivamente estavam interessados pelo campo da comunicação para a saúde ou era apenas uma forma de obter recursos para pesquisa?

JMM: Os investimentos decisivos na pesquisa de comunicação para a saúde materializaram-se internacionalmente nos anos 70, quando começaram a ser incentivadas as campanhas de controle da natalidade nos países pobres. Sugiro consultar o livro de Rogers, *Communication Strategies for Family Planning*, New York, Free Press, 1973, onde será possível compreender a trajetória dos estudos sobre essa temática.

AP: E os institutos de pesquisas fundados por W. Schramm, potencializaram as pesquisas nessa área?

JMM: Schramm fundou vários institutos. O primeiro, no meio-oeste, fez a transição dos clássicos estudos de jornalismo para a comunicação de massa. O segundo, mais um programa de pesquisas do que um instituto, funcionou em Washington, durante a segunda-guerra, focalizando a comunicação bélica. O terceiro, na Califórnia, legitimou o campo científico, instituindo o doutorado em comunicação de massa. Finalmente, no seu apogeu acadêmico, ele se dedicou à comunicação aplicada, tornando-se o pai da comunicação para o desenvolvimento, dando consistência empírica às teses de Lerner sobre modernização sócio-política. Talvez a fase mais frutífera dessa opção pela comunicação para o desenvolvimento tenha ocorrido em sua atividade acadêmica no Hawaí. Para melhor entender a história de vida de Wilbur Schramm, recomendo ler o seu livro de memórias, deixado inconcluso, mas completado por seus dois discípulos prediletos Rogers e Chafee.

AP: Everett Rogers foi um entusiasta da pesquisa em Comunicação para a Saúde dentro do campo da Comunicação para o Desenvolvimento. Poderíamos defini-lo como patrono dessa área?

JMM: Em certo sentido sim, embora sua dedicação a esse campo tenha somente sido efetiva na década de 70 (planejamento familiar) e 90 (prevenção da AIDS). Rogers foi um cientista polifacético, que desbravou

vários campos de estudos, destacando-se na sua fase de maturidade o interesse pela comunicação organizacional e pela comunicação intercultural, objeto de livros antológicos.

AP: Como e quando a em Comunicação para a Saúde ganha espaço na América Latina. Existe algum fato que tenha detonado o processo de pesquisa nessa área?

JMM: Essa disciplina ganha intensidade na América Latina nas décadas de 70-90 do século passado, inicialmente com as campanhas de controle da natalidade e depois com as campanhas de prevenção às drogas.

AP: Beltrán criticou a aplicação de fórmulas americanas para solucionar problemas de comunicação para a saúde na América Latina. Ele era voz isolada nesse discurso?

JMM: Beltrán sempre foi um crítico da reprodução a-crítica de conhecimentos gerados em outras realidades e sua aplicação mecânica nas nossas sociedades. Essa atitude marcou sua passagem pela academia norte-americana, especialmente na Michigan State University, onde ele foi aluno de Everett Rogers. Ao escrever seu livro de estréia nessa área –*Diffusion of Innovations*– Rogers mereceu severa e rigorosa crítica do discípulo Beltrán. Ao invés de rejeitá-la ou ignorá-la, Rogers demonstrou humildade intelectual, dando a mão à palmatória e reformulando suas teses, a partir dos comentários de Beltrán. Esse reconhecimento público está explícito na 4ª. Edição (considerada definitiva) do referido livro.

AP: A partir de quando o Brasil começou a se interessar pela pesquisa em Comunicação para a Saúde. Arriscaria algum marco histórico?

JMM: Esse campo emerge no Brasil concomitantemente ao estímulo norte-americano em toda a América Latina. É claro que existiram preocupações anteriores, mas não sistemáticas e continuadas. Talvez uma consulta à memória da OPS possa elucidar mais adequadamente essa questão do marco cronológico. O que posso balizar, isto sim, é o meu interesse pela área, que se dá em meados da década de 90, logo após a minha aposentadoria na USP, quando fui contratado pela USAID para atuar como consultor na avaliação de projetos ligados à comunicação para a prevenção de drogas, atuando conjuntamente com Luis Ramiro Beltrán.

AP: A existência de comunicadores estudando saúde e profissionais da saúde pesquisando comunicação contribui para a ampliação do tema? Não confunde? Quem está mais apto a pesquisar nessa área?

JMM: Quem está mais apto é inegavelmente aquele que lograr a síntese entre os dois campos. Tanto pode ser o profissional da mídia que aprofundou seus conhecimentos sobre o campo da saúde quanto o profissional da saúde que assimilou o referencial peculiar à lógica comunicacional. O ideal seria contar com especialistas com formação básica em saúde e pós-graduação em comunicação. Isso ocorre freqüentemente nos EAUA, onde os cursos de pós-graduação são orientados para o conhecimento empírico. Este não é o caso do Brasil.

AP: Como surge o tema Comunicação para a Saúde em pós-graduação no Brasil? Acredita que nossos pesquisadores estão fazendo contribuições importantes nessa área?

JMM: Creio que o interesse pela temática originou-se na Escola de Saúde Pública da USP, onde foram feitas tentativas, nem sempre bem sucedidas, de parceria com a ECA. A UNICAMP, nos tempos do Reitor Pinotti, deu ênfase a essa questão, contemplada na linha de pesquisa da Dra. Nelly de Camargo. Contudo, parece que os resultados não foram promissores. Trata-se de episódio a ser melhor dimensionado. A tentativa mais duradoura tem sido a da UMESP, desde a instituição do Doutorado em Comunicação, quando a instituição fez parceria com a OPAS e estimulou o Dr. Epstein a liderar um grupo de pesquisas sobre o tema. Antes disso, foram relevantes as incursões feitas pelo Dr. Wilson Bueno, que se interessa pelo objeto, sem, contudo dar-lhe atenção exclusiva. Mais recentemente, nota-se o interesse do Dr. Antonio Fausto Neto, na UNISINOS, e da Dra. Isaltina Gomes na UFPE, além do Dr. Murilo Ramos, na UNESP-Bauru.

AP: Na sua opinião, o interesse dos pesquisadores da Saúde pela Comunicação tende a aumentar? E vice-versa?

JMM: Acredito que sim, tendo em vista a superação dos preconceitos cultivados pelas duas categorias.

AP: Por que a Cátedra UNESCO/UMESP elegeu a saúde como objeto de pesquisa?

JMM: Essa explicação está contida em capítulo do meu recente livro “A esfinge midiática” (São Paulo, Paulus, 2004).

AP: A produção acadêmica brasileira nessa área como um todo é relevante? E na Umesp?

JMM: Essa relevância pode ser atestada pelo crescimento quantitativo e qualitativo evidente nos anais da Comsaúde.

AP: E a Comsaúde, por que surgiu e qual sua análise das sete edições já realizadas?

JMM: O evento foi potencializado pela necessidade de criar um espaço de diálogo e intercâmbio entre os dois campos. O balanço das sete edições é positivo, apesar da minha preocupação com o viés academicista que ele começa a assumir. Ao invés de um fórum para intensificar a atuação dos poderes públicos no terreno da comunicação para a saúde, ele começa a se engessar como espaço exclusivo para a apresentação de trabalhos produzidos no interior da academia.

AP: Pelo que pudemos verificar há problemas metodológicos e de formatação em alguns artigos apresentados, aparentando, como diz a Profa. Cristina Gobbi, “grandes ensaios”. Esses problemas são comuns nessa fase de consolidação das conferências?

JMM: Não creio que este seja o problema principal. Não importa se a comunicação tem forma de ensaio ou de artigo. O importante é que focalizem questões socialmente relevantes e contenham alternativas comunicacionais exequíveis.

AP: Como se dá a escolha das temáticas para as conferências?

JMM: A escolha tem sido fruto de uma negociação entre a Cátedra e as instituições anfitriãs.

AP: Ainda há pouca referência de artigos apresentados na Comsaúde nos encontros subsequentes. Na sua opinião, as Comsaúde estão produzindo conhecimento? Como melhorar o acesso aos trabalhos publicados?

JMM: Essa tendência reflete a ausência de uma comunidade acadêmica situada em torno da disciplina Comunicação para a Saúde. Essa referência cognitiva só se dará quando os atores envolvidos na conferência se articularem institucionalmente. Talvez uma saída esteja na disponibilização do conjunto dos textos na web. A equipe liderada pela Dra. Gobbi está tentando inseri-la na ENCIPECOM-AL.

AP: Ainda há pouca participação de trabalhos oriundos das regiões Norte e Centro-Oeste na Comsaúde. Como motivar a participação dos pesquisadores daquelas regiões?

JMM: Trata-se de duas regiões que continuam marginalizadas ou distante dos pólos hegemônicos da pesquisa científica nacional. A solução estaria em lançar projetos indutivos. Contudo, isso extrapola a esfera de atuação da Cátedra. Talvez a consolidação da Rede Comsaúde possa alavancar iniciativas dessa natureza.

AP: Ao compararmos o estado da arte da pesquisa americana e a brasileira em Comunicação para a Saúde vemos que há similaridade de objetos de estudo –comunicação interpessoal, campanhas de saúde, saúde na mídia etc.– mas poucas referências aos autores americanos nos trabalhos da Comsaúde. Isso seria resultado de desconhecimento ou estamos criando referências próprias em pesquisa nessa área?

JMM: A situação reflete o nosso distanciamento das fontes internacionais e talvez seja consequência de um viés endógeno que estigmatiza a academia brasileira em certos segmentos.

AP: Como o sr. vê as perspectivas da área de Comunicação para a Saúde e das futuras conferências?

JMM: Sou otimista por natureza. Mas tenho receio de que as conferências se convertam em oportunidade para o diálogo entre guetos intelectuais. Acho que se torna indispensável uma parceria mais duradoura entre os pesquisadores da área e os estrategistas das políticas públicas de comunicação e saúde.

Referências bibliográficas

- Bortoliero, S. (1999). *Os programas de saúde na TV Cultura de São Paulo: os saberes profissionais*, PósCom-Umesp. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Brittes, J. (1996). “José Marques de Melo e a construção de espaços para a pesquisa em comunicação no Brasil”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 25, pp. 183-208.
- Carvalho, C. A. de (2000). PósCom-Umesp. *Comunicação, educação & nutrição: parceria pela qualidade de vida*, Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Carvalho, C. A. de (1994b). “Pesquisa sobre TV e prevenção de drogas”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 22, p. 166, 2o. sem.
- Comunicação & Sociedade. (1994a). “Convênio com a Opas”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 21, p. 206, 1o. sem.
- Contreras, A. (1995). “Proposta de um modelo de curriculum para a comunicação em saúde”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 23, p. 85-98.
- Danielo, J. A., Donohew, L. et al (1995). “Aprimorando a efetividade das campanhas antidrogas na televisão”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 23, p. 51-84.
- Epstein, I. (1999). “Os possíveis efeitos negativos devido à publicação prematura de notícia inesperada ou ‘novidade’ na divulgação científica em medicina”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 30, p. 171-194, 2o. sem.
- Gomes, V. P.(2000). *Ciência e pseudociência: alopatia versus homeopatia. Um estudo de caso no Correio Popular*, PósCom-Umesp. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- JBCC (2001). IV Comsaúde: Cátedra Unesco-Umesp faz parceria com Faesa. *JBCC-Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp de Comunicação, n. 124, 23 mar.
- Lovatto, J. M. (1998). *A estreita (e difícil) relação entre a linguagem e a comunicadores em saúde*, PósCom-Umesp. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Macedo, M. (1998). *Comunicação em saúde na internet: uma análise da revista eletrônica Saúde e Vida On Line*, PósCom-Umesp. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Macedo, M. (1999). “PósCom acolhe comunicólogos da área de saúde”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 31, p. 262-263, 1o. sem.
- Marques de Melo, J. (1999). “Vitalidade intelectual do Grupo de São Bernardo: atualização histórica como estratégia acadêmica”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 32, p. 161-178, 2o. sem.

- Pereira Júnior, A. (2001). *Comunicação em saúde pública: o caso “Viva Criança”*, PósCom-Umesp. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Pereira Júnior, A. (2000). Luis R. B. abre III Comsaúde. *Informe Comsaúde*, Adamantina: Cátedra Unesco-Umesp de Comunicação/FAI, 07 nov, p. 2.
- Pessoni, A. (2008). “Comunicação para a saúde”, in; Marques de Melo, J., org. *O campo da comunicação no Brasil*, Petrópolis, Vozes, p. 177-185.
- Pessoni, A. (2005). *Contribuições da COMSAÚDE na construção do conhecimento em Comunicação para a Saúde: resgate histórico e tendências dessa linha de pesquisa*, PósCom-Umesp. Tese de Doutorado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Sanches, C. A. (2000). *Viagra: da bula à banca*, PósCom-Umesp, Dissertação de mestrado em Comunicação Social, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Sanches, C. A. (1999). “Comsaúde avalia comunicação na área de saúde”, in: *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 32, p. 247-249, 2o. sem.

Recibido: 28 de mayo, 2009

Aprobado: 28 de septiembre, 2009